

EXUBERÂNCIAS FASHION: HISTÓRIA E DESMISTIFICAÇÃO DO MUNDO DRAG

Rosa de Oliveira Filho, Jorge; Centro Universitário de Rio Preto;
jrofilho21@gmail.com

Previatto Kitada, Juliana; Centro Universitário de Rio Preto; juh.kitada@gmail.com

Sofiati, Luana; Centro Universitário de Rio Preto; luana_sofiati@hotmail.com

Gabriela Peniani, Marina; Centro Universitário de Rio Preto; marinapeniani-
contato@outlook.com

Resumo: Este trabalho tem base no papel das drag queens para a história e na importância da drag Rupaul e seu reality show *Rupaul's Drag Race* para a visibilidade não só da drag, mas da comunidade LGBTTTT na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Moda, drag queen, moda consciente, figurino, Rupaul, entretenimento.

Abstract: This work is based on the role of the drag queens in the world's history and on the importance of the drag queen Rupaul and its reality show *Rupaul's Drag Race* for the visibility not only of drag but also the LGBTTTT community in contemporary society.

Key words: Fashion, drag queen, conscious fashion, costume, Rupaul, entertainment.

Introdução

Rupaul Andre Charles se tornou uma figura revolucionária no mundo drag. Ator, modelo e cantor, chamou a atenção de uma produtora de TV e no ano de 2009 pela primeira vez reuniu num reality show um grupo de artistas que compartilhavam um objetivo: ser coroada a nova superestrela drag. O programa só veio crescendo em popularidade desde seu lançamento, tornando o mundo drag cada vez mais conhecido e acessível.

Este trabalho inspira-se na drag queen Rupaul, e objetiva compor uma coleção de figurinos que exale “carisma, originalidade, coragem e talento”, citando o bordão do apresentador, assim contando um pouco sobre o universo do transformismo e seu papel histórico desde a Grécia clássica até à atualidade, com enfoque nas grandiosas portas abertas pelo popular reality show de Rupaul.

1 - CHARISMA, UNIQUENESS, NERVE AND TALENT¹

Não se sabe ao certo em que momento da história o ato de se "montar" como drag foi feito pela primeira vez, mas várias passagens remetem ao ato desde a Grécia clássica. A drag queen é, em tradução livre, "um homem, por vezes um homem gay, que se veste como mulher pelo entretenimento". As primeiras aparições do termo com esse significado datam de meados de 1870, de acordo com a publicação *Languages and Cultures in Contrast and Comparison* (GONZÁLES; MACKENZIE; ÁLVAREZ, 2008, p. 231).

No teatro grego apenas homens podiam atuar e mesmo as personagens femininas como Medéia foram todas vividas por homens. Durante o século XII, a Igreja Católica adotou o teatro como forma de entretenimento, encenando passagens sacras. As mulheres não podiam ter participações diretas na igreja, os papéis femininos, que eram poucos e com poucas linhas, foram designados a jovens rapazes.

No Japão desde o século XIV, linguagens clássicas de teatro foram específicas do ator masculino. Berthold (2004, p.84) escreve em seu livro quanto ao trabalho do ator: "Os japoneses não veem nada de estranho no fato de um homem expressar os sentimentos de uma mulher, sua felicidade ou desespero. Ao contrário, consideram a máscara como a expressão literal de uma verdade superior".

Roger Baker aponta diversas situações e passagens em que se relata a aparição de crossdressers², em meio à sociedade europeia. Durante o século XVIII, homens usando suntuosos vestidos da moda passeavam pelas ruas da Europa. Pela primeira vez a drag se relaciona com o que é o homem homossexual.

A moda compõe-se e é composta no "espírito do tempo" de determinada sociedade. Cada época tece seus fios de determinada forma e os "desenhos do rosto e do corpo no mundo" se desfazem e se refazem incessantemente. E é principalmente sobre a pele, "uma subjetividade que ganhou o lugar privilegiado de estar ao mesmo tempo no corpo e no mundo, que se apresenta a forma comumente chamada de indivíduo, sujeito ou mesmo de "eu" ou de "você". (SANT'ANNA, 1995, apud MESQUITA, 2007)

Na Londres do século XIX, os homens já se reuniam em estabelecimentos onde podiam cantar e realizar cenas cômicas. A drag queen

¹Os títulos das sessões são bordões usados no reality show Rupaul's Drag Race. "Charisma, Uniqueness, Nerve and Talent", em tradução livre: "Carisma, originalidade, coragem e talento", são os requisitos básicos, de acordo com o apresentador Rupaul, para que as candidatas se tornem a nova superestrela drag.

²Pessoas que, por satisfação pessoal, vestem-se com roupas do gênero oposto, sem que isso esteja ligado ao trabalho.

dominou esse espaço; ela era uma forma respeitada e aceita, personagem que todo comediante eventualmente interpretava.

Nos anos 1960, os primeiros bares gays abriram pelas periferias, longe das famílias mais tradicionais. Nesses bares é que a drag queen ressurgiu. Em Nova Iorque, a drag se voltava para a performance e suas inspirações eram diversas. Musas do pop, estrelas de cinema, Diana Ross, Cher e Madonna eram personificadas e se tornavam material para os artistas. Nas duas décadas seguintes a drag expandiu seus limites alcançando o rádio, a televisão, a Broadway. *Priscilla, a rainha do deserto* é um grande exemplo de como as drag queens também se tornaram tema de grandes sucessos.

Os anos 1990 marcaram a drag como símbolo da luta LGBTTTT além de entretenimento e lazer.

E nessa década uma personalidade com todos os traços de uma top model chegou a um ponto alto de sua carreira. Rupaul lançou seu single *Supermodel*, segundo lugar na Billboard, perdendo apenas para *I'm Every Woman* de Whitney Houston, participou de filmes, seriados e se tornou uma prestigiada modelo fotográfica e de passarela, chegando a ser garota propaganda da MAC.

O que a drag queen veste faz parte de quem ela é e está diretamente ligado ao tipo de entretenimento que ela objetiva dar, ao contexto no qual ela está inserida. É esperado que uma boa transformista tenha conhecimento a respeito da cultura pop, que seja icônica e use e abuse com criatividade do que a moda pode lhe oferecer.

[...] Singularidades surgem exatamente das misturas entre roupas, sapatos, maquiagem, cabelo e comportamento e as subjetividades individuais: da interação do que cada um de nós tem no guarda-roupa com nossa história e nossa realidade. (MESQUITA, 2007)

A coleção Fierce, que propomos em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, tem inspiração na história da Drag Queen e mostra, por meio de figurinos com cortes, tecidos e acessórios, situações históricas da drag queen, momentos de grande importância para a afirmação do transformismo. E busca trazer para o mercado da moda, uma nova marca dedicada especialmente à elas.

Figura 1: Croqui criado para a coleção Fierce



2 GENTLEMANS, START YOUR ENGINES, AND MAY THE BEST WOMAN WIN ³

Exibido pela primeira vez em 2009, *Rupaul's Drag Race* vem se tornando um fenômeno global. Apresentado por “Mama Ru”⁴, o reality show consiste em uma competição onde um grupo de drag queens deve mostrar seus talentos em uma série de desafios que envolvem costura, canto, dança, atuação entre outras habilidades.

Vários dos desafios possuem ligação com a moda contemporânea, o que testa as habilidades com costura e modelagem e também os conhecimentos de moda das competidoras, assim sendo, elas precisam mostrar que estão atualizadas.

Talvez o ponto mais importante a respeito do programa seja a sua repercussão e a visibilidade que trouxe para as drags. Muitas das competidoras tiveram suas carreiras mudadas drasticamente após a participação no programa. Um exemplo é a drag Alaska Thunderfuck, participante da quinta temporada que ficou popular mesmo antes de entrar no programa por conta de seus vídeos de inscrição. Alaska fez turnês, lançou músicas próprias e se apresentou até mesmo aqui no Brasil.

Outro bom exemplo de competidora que se deu bem após a saída do programa foi a drag Bianca Del Rio, a vencedora da sexta temporada que é

³Em tradução livre, “Senhores, liguem seus motores, e que a melhor mulher vença” é o bordão utilizado pelo apresentador após a apresentação dos desafios da semana.

⁴ Apelido carinhoso dado ao apresentador Rupaul pelas competidoras do reality.

conhecida por seu humor ácido e suas habilidades de costura. Bianca também fez grandes turnês e estrelou um filme de comédia chamado *Hurricane Bianca*.

Fora do programa a visibilidade da drag também mudou. No Brasil a drag parece cada vez mais estar saindo da obscuridade. O hit do carnaval 2017 “Todo Dia”, por exemplo, é parte do álbum *Vai passar mal*, da drag Pablio Vittar, lançado em janeiro desse ano. O videoclipe dessa música é atualmente o clipe original mais visto do mundo para uma drag queen.

3 SUPERMODEL OF THE WORLD⁵

Um dos grandes fatores que chamaram a atenção do mundo para Rupaul foi sua similaridade com as supermodelos de passarela.

Grandes designers como Jeremy Scott e Marc Jacobs já foram jurados de Rupaul’s Drag Race e após isso parecem cada vez mais envolvidos com o mundo drag. Designers como Dallas Coulter inclusive fazem roupas pensadas especificamente para drag queens e se tornaram mais populares fazendo parcerias com drags famosas como Alaska Thunderfuck, Raja Gemini e Willam Belli.

A marca de roupas Marco Marco também usou e abusou da estética drag. A coleção Primavera/Verão 2014 teve muitos elementos inspirados em drags e o designer não ficou apenas nisso. Drags, incluindo ex-participantes da Drag Race, foram as modelos responsáveis por dar vida à coleção na passarela.

4 OH, GIRL, YOU HAVE SHE-MAIL⁶

O título desta parte do trabalho é um dos tantos bordões usados em *Rupaul’s Drag Race*. O trocadilho com as palavras e-mail e shemale (termo usado para se referir a mulheres transexuais com corpos ainda em transição) e uso da palavra *tranny* (travesti, em tradução livre) foi motivo de um escândalo envolvendo o apresentador Rupaul. Isso levanta outra questão muito importante no meio: a relação da drag queen com a sexualidade e a identidade de gênero.

⁵Supermodelo do mundo, em tradução livre, é o nome do primeiro álbum de Rupaul.

⁶ O bordão usado por Rupaul para entregar as primeiras dicas dos desafios semanais é um trocadilho, em tradução livre: “Uh, garota, você tem um e-mail”, onde a palavra e-mail pode ser trocada por travesti.

Primeiramente devemos ter em mente que orientação sexual e identidade de gênero são coisas distintas e independem uma da outra. Identidade de gênero é referente a quem você é; orientação sexual é referente a por quem você se sente atraído. Uma mulher transexual pode ter preferências heterossexuais, homossexuais, ou ainda ser bissexual ou pansexual sem que sua identidade de gênero seja alterada.

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (Nietzsche, 2008, p. 27)

A sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher, porém nossa identificação com algum ou nenhum gênero não é um fato biológico, é social. Pessoas que vivenciam papéis de gênero diferentes do que se esperaria de alguém de determinado sexo (biológico), são chamadas de transgêneros.

Quanto à drag em meio a essa situação, Jaqueline Gomes de Jesus em seu livro *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* (2012, p. 11) apresenta um ponto de vista que caracteriza drag queens e kings, crossdressers e transformistas como pessoas que cabem ao espectro transgênero. A autora reconhece a vivência do gênero como dois diferentes espectros: Identidade, que caracteriza transexuais e travestis, e funcionalidade, cujo foco é o trabalho, como o caso das drags.

[...] é importante ressaltar, por exemplo, que um homem crossdresser, o qual sente prazer em usar roupas femininas, identifica-se como homem e geralmente tem uma vivência heterossexual com uma parceira; e que um artista transformista [...], mesmo se vestindo – de forma caricata – como alguém de gênero diferente do seu, não necessariamente se reconhece como alguém desse outro gênero, e ao contrário da crença social, grande parte deles não é homossexual. (Jesus, 2012, p. 13)

Devido ao escândalo, o bordão usado no início de cada episódio do reality foi censurado e trocado a partir do final da 6ª temporada. Rupaul e a Logo TV, responsável pela produção do programa, pediram desculpas pela utilização dos termos e se colocaram a favor da comunidade trans. Algumas participantes do

programa se revelaram transexuais durante ou após a participação no programa, incluindo a participante da 6ª temporada Gia Gunn, que se assumiu publicamente no dia da visibilidade trans de 2017 por meio de um vídeo publicado em uma de suas redes sociais.

5 SISSY THAT WALK⁷: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Extravaganza, marca elaborada para transformar as ideias deste artigo em coleção de moda, é uma marca criada para vestir performances, para compor personagens e completar apresentações. Na coleção que propomos, *Fierce*⁸, a inspiração é a história da drag queen, com foco no reality show *Rupaul's Drag Race* e na drag Rupaul e sua importância para o cenário drag contemporâneo.

A coleção é composta por figurinos complexos e cheios de detalhes, inspirados por drags para drags e outras pessoas que buscam expressar sua arte também pelas suas roupas.

[...] É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. A mensagem é também, naturalmente, aquilo que é recebido pelo receptor. O que é mais importante nessa descrição de comunicação é a intenção do remetente, a eficiência do processo de transmissão, e o efeito em quem recebe. (BARNARD, 2003, p.52)

Figura 2: Croqui criado para a coleção Fierce



⁷ Em tradução livre: “efeminize esse andar”, é nome de uma música de Rupaul e também bordão repetido antes de todos os desfiles no reality.

⁸Tradução do inglês: “Feroz”.

Bordados e estampas, pedrarias, brilho e muitos acessórios são características muito presentes na coleção. Silhuetas justas denotam feminilidade e sensualidade, contrastam e completam armações elaboradas futurísticas trazendo para a coleção o elemento fantasioso, o toque teatral da drag queen. A paleta de cores da coleção *Fierce* foi inspirada na bandeira gay, usando as cores do arco-íris, que são bem vibrantes e representam bem o contexto da coleção.

Figura 3: Croqui criado para a coleção Fierce



A missão da Extravaganza é sempre buscar inovação, luxo, *eleganza* e *extravaganza*. É participar do palco, entregar espetáculo, montar a cena e ser parte da personagem, afinal “Drag Queens/Kings [...] vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo [...]”. (JESUS, 2012, p.11)

Fierce pretende ser uma coleção cheia de ferocidade, vivacidade e poder.

Referências:

AMANAJÁS, Igor de Almeida. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Disponível

em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/?pagina=player&slug=dragqueen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas>> Acesso em: 26 set. 2016.

BAKER, Roger. **Drag: a history of female impersonation in the performing arts**. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

- BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras: una antologia de estúdios queer**. Barcelona: Icaria editorial, 2002.
- GARBER, Marjorie. **Vested interests: cross-dressing and cultural anxiety**. New York: Routledge, 1992.
- GONZÁLES, Maria de los Ángeles Gómez, MACKENZIE, J. Lachlan, ÁLVAREZ, Elsa M. Gonzáles. **Languages and cultures in contrast and comparison**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2008.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Publicação online. Abr. 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em 13 de abr. 2017.
- KOESTENBAUM, Wayne. **The queen's throat: opera, homosexuality and the mystery of desire**. New York: Poseidon, 1993.
- LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MESQUITA, Christiane. **Moda Contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo: Escala, 2008.
- NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansai, 2003.
- OLIVEIRA, Marco Antônio Galindo de. **Nascemos pelados e o resto é drag: subversões de gênero a partir de RuPaul's Drag Race**. Paraíba: Publicação online. 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/30612539/_Nascemos_pelados_e_o_resto_%C3%A9_drag_subvers%C3%B5es_de_g%C3%AAnero_a_partir_de_RuPauls_Drag_Race>. Acesso em 13 de abr. 2017.
- VENCATO, Anna Paula. **Fora do armário, dentro do closet**. São Paulo: Publicação online. Mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em 13 de abr. 2017.